

Universidades Lusíada

Silva, Paulo Brito da, 1963-

Poetas e outros sonhadores

<http://hdl.handle.net/11067/4972>

Metadados

Data de Publicação

2002

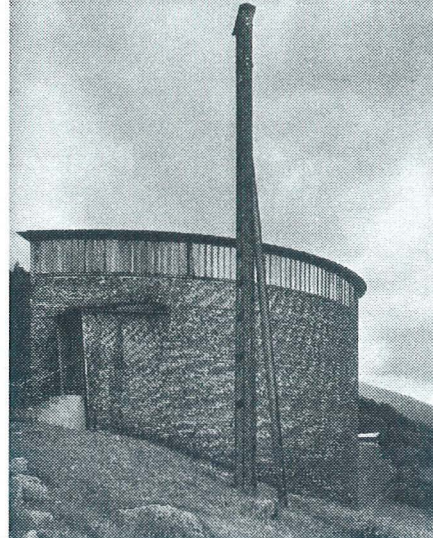
Resumo

A interligação lógica das verdades convencionadas com que funcionamos converteu-se num sistema sem qualquer consideração pelo humano que, com uma extraordinária e crescente abundância de meios, se erige e amplia autonomamente segundo a sua estrutura. Este sistema está-se a formar e a desenvolver diariamente tendo como particularidade a concentração nas semelhanças e o esquecimento das diferenças, ou seja, de tudo o que lhe escapa e de tudo o que não pode ser percebido e medido pelos seus parâmet...

Tipo

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2023-05-04T20:39:23Z com informação proveniente do Repositório

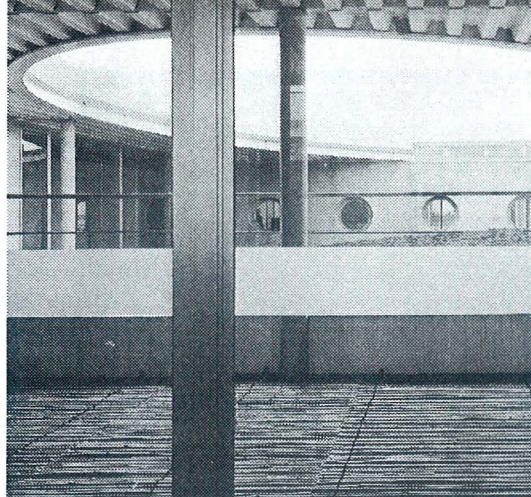


POETAS E OUTROS SONHADORES PAULO BRITO DA SILVA

A interligação lógica das verdades convencionadas com que funcionamos converteu-se num sistema sem qualquer consideração pelo humano que, com uma extraordinária e crescente abundância de meios, se erige e amplia autonomamente segundo a sua estrutura. Este sistema está-se a formar e a desenvolver diariamente tendo como particularidade a concentração nas semelhanças e o esquecimento das diferenças, ou seja, de tudo o que lhe escapa e de tudo o que não pode ser percebido e medido pelos seus parâmetros racionais. Como o humano não pode ser aferido por estes critérios é suprimido e esquecido. De acordo com J.F. Lyotard¹, estaremos assim na era do inumano.

A globalização não é mais do que a difusão e expansão que o sistema de convenções preponderantes, denominado como o inumano, promove de si mesmo. Este inumano globalizado, como observa Lyotard, não precisa de nenhuma finalidade, nem está dominado por uma ideia como, por exemplo, o bem comum ou a liberdade. Apenas se difunde segundo a sua dinâmica interna.

A expansão do inumano globalizado é considerada por muitos como inevitável, sendo um processo em curso para o qual não existe alternativa. Promovendo a homogeneização e a repetibilidade, quem não quer ou não pode viver de acordo com estas regras preponderantes ficará excluído da comunidade global e do acesso à informação. A globalização deriva do desenvolvimento da tecnologia e possibilita o crescimento económico, pelo que aqueles que se autoexcluem são muitas vezes considerados, em termos de pensamento, reaccionários que não admitem as conquistas da modernidade. Mas a globalização, fundamentalmente ligada à “nova economia” (à nova ordem, ao mundo novo, ao homem novo), não parece ser o mesmo que a planetarização, que



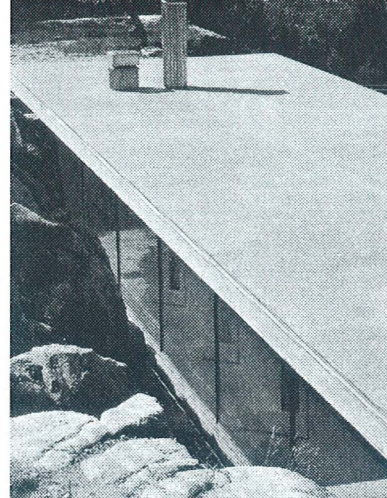
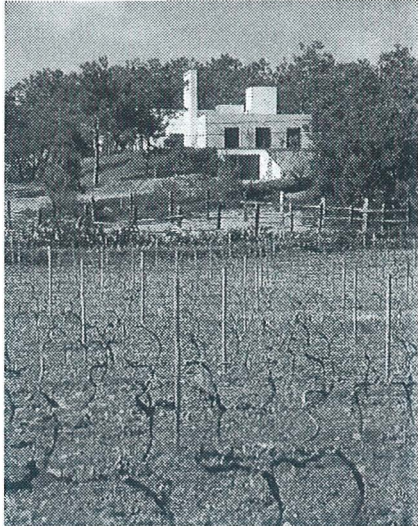
resulta da consciência de que tudo tem repercussões à escala do planeta. Este constante e quase instantâneo contacto com outras partes do globo, possibilitou uma nova percepção do mundo, ao mesmo tempo que alterou a nossa experiência do tempo e do espaço, num tempo dito “real” que sugere a ausência de espaço, existindo novas partes do planeta que se tornam familiares, pelo que, pelo menos para os não excluídos, a sensação de território reconhecível também se tornou maior. Deste modo, independentemente de acreditarmos que exista ou não numa “arquitectura da globalização”, ou se esta induz ou não a homogeneização, é possível que existam alterações no modo de fazer e habitar a arquitectura.

Assim, alguns arquitectos, começaram a considerar que não podem ignorar a globalização, começando a fazer experiências relacionadas com o que se conseguem aperceber sobre este sistema. Como refere Rem Koolhaas², os arquitectos começam a ser confrontados com novos problemas relacionados com a escala, programa, articulação novidade e esquecimento das origens.

Mas, outros autores, como por exemplo Alejandro Zaera³, observam que o aumento da comparação entre as diferenças, especificidades e particularidades de cada sítio, conduzem a uma consciência da diversificação e da heterogeneidade. Também é neste sentido que Siza Vieira⁴ afirma que a globalização é o aprofundar da cultura de cada país. A redução das distâncias, devida à melhoria das comunicações, poderá estar a formar uma consciência do diferente e específico, criando as condições para a necessidade de afirmação um sem numero de culturas locais.

Contudo, o conceito de “arquitectura da globalização” entende o edifício como um produto, regendo-se o seu projecto pelas leis da economia, e, segundo Michael Speaks⁵, as questões relativas ao desenvolvimento de um produto ou de um processo só podem ser colocadas com uma rede de trabalho académica que não entenda a arquitectura como arte, mas como a investigação de um negócio. Para este autor, o desafio da arquitectura é desenvolver formas de prática arquitectónica capazes de sobreviver e prosperar num mercado global ferozmente competitivo.

Na era do inumano globalizado é por muitos entendido que começa a ser aplicável aos objectos edificados o axioma económico

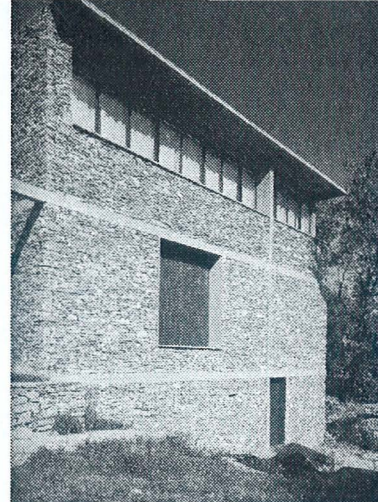
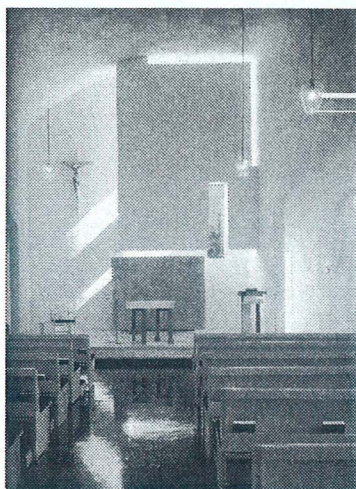


segundo o qual nada está vinculado a nenhum local em concreto, pelo que por toda a parte poderá surgir o mesmo modelo de edifício, apenas com alguns ajustes devidos à sua situação. Assim, Rem Koolhaas⁶ prevê que alguns fabricantes começarão a desenvolver edifícios que poderão ser escolhidos por catálogo (tipo La Redoute), sendo remetidos para onde o cliente quiser. Estes fabricantes eliminarão a necessidade do arquitecto e substituirão a arquitectura por edifícios de produção industrial. Deste modo, Rem Koolhaas associa a globalização com o fim da arquitectura.

O conceito de “arquitetura da globalização” privilegia evidentemente o virtual, sendo de tal modo incompatível com o lugar que se desenvolveu uma noção de não-lugar, aplicável aos edifícios e espaços que hoje são edificadas. Os hotéis, aeroportos, supermercados, bombas de gasolina, supermercados e centros comerciais serão reconhecíveis e familiares mas não são habitados e ninguém sente nada por eles. Estes edifícios, essencialmente ligados ao consumo e aos transportes, foram estudados pelo antropólogo Marc Augé⁷, que os designou como não-lugares. Para os antropólogos o lugar é um espaço de reconhecimento numa construção simbólica do espaço, tendo como características a identidade, as relações e a história, pelo que, por antítese, os espaços onde não existe qualquer tipo de reconhecimento, são, sob o ponto de vista da antropologia como ciência⁸, não-lugares.

A constatação que, no seu livro, Marc Augé faz sobre o modo como usamos esses não lugares leva-o a introduzir três modos de abundância que caracterizam a nossa era a que chama supermoderna, que servirá para Hans Ibelings⁹ denominar como “supermodernismo” a arquitectura correspondente. Segundo este autor, os não-lugares aparecem por toda a parte de modo idêntico, sendo sinais manifestos da globalização. Nos espaços edificadas pelo inumano globalizado, para quem se concentra nas semelhanças como por exemplo Hans Ibelings, as noções de lugar, contexto e identidade já não fazem sentido. São, segundo o estudo de Marc Augé, espaços que se utilizam sem que ninguém sinta nada, que apenas proporcionam solidão e similitude, não criando nem identidade nem relações.

Alguém de quem já não me lembro do nome, mas só pode ter sido um poeta, um dia terá escrito que não podemos conhecer o

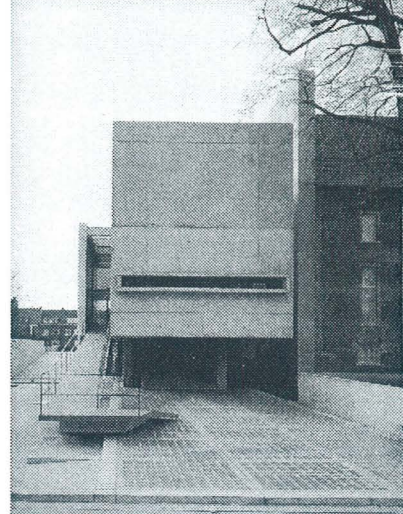
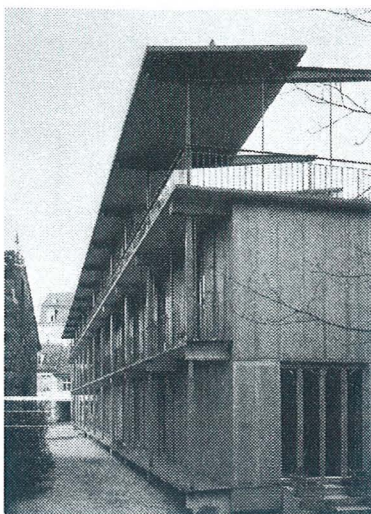


futuro, mas podemos sonhá-lo. Como o nosso modo de conhecer apenas mede e relaciona causas e efeitos, talvez seja difícil (embora seja concebível uma “ciência que não renuncia a habitar”¹⁰) não neutralizar o futuro, porque este, tanto quanto sabemos, não existe, sendo apenas uma projecção com base no presente. Mas não podemos deixar de o pensar, vivendo apenas no presente que será o próximo passado.

Não se pode assumir tudo como uma inevitabilidade estrutural, com receio da auto-exclusão “do nosso tempo”. Resta-nos o acto ético de liberdade para questionar este inumano, que aparentemente é algo sem finalidade ou ideal que se desenvolve e nos absorve sem darmos por isso, e assim procurar uma atitude crítica que nos permita avaliá-lo e ponderar eventuais alternativas que nos possibilitem sonhar. Essa será responsabilidade e a vontade que se espera do homem que habita, construir mundo para pôr na terra, o que implica uma finalidade, pelo que não se pode abdicar do ideal ou até da utopia.

A construção de mundos alternativos, pressupõe o apelo a um outro inumano. Lyotard¹¹ considera que, já não existindo humano natural, há outro inumano próprio do humano de que a alma é refém, cuja inumanidade não pode ser confundida com a do sistema em curso de consolidação, com o nome, entre outros, de desenvolvimento. Este outro inumano é constituído pela cultura herdada e prévia que nos habita e com que nós habitamos, transformando-a, e Lyotard escreve que cometeu o erro de acreditar que o inumano como sistema poderia substituir ou dar expressão ao inumano como cultura. Mas o sistema esquece tudo o que lhe escapa, e este autor entende que apenas resta opor resistência com a dívida que toda a alma contraiu com o outro inumano, sendo isto um testemunho, uma tarefa e uma aventura da escrita, do pensamento, da literatura e das artes.

Recusando um pensamento exclusivamente racional e que neutraliza o futuro, a arquitectura configura o habitar do homem como totalidade¹², que age sobre as coisas, em que o espaço não pode ser reduzido às características dimensionais e quantitativas (espaço cartesiano) e que pressupõe uma finalidade. Trata-se de um processo de constante re-interpretação criativa, sensível e racional¹³, concretizado num lugar, aqui e agora. O habitar humano é uma experiência única e irrepetível, feita com o corpo todo,



em que a razão e os sentidos são contaminados pela experiência anterior, armazenada como memória. Distingue-se do simples morar ou do residir, característico do inumano. Também a arquitectura se distingue da mera edificação, sendo uma arte que se faz com a razão, mas também com a memória e os sentidos. Assim, o acto de instauração arquitectónica torna-se numa renovada e constante afirmação do humano, participando a arquitectura, como escreve M. Tainha¹⁴ na luta da humanidade do humano contra o inumano (globalizado).

Se não se pode considerar que tudo o que se edifica é arquitectura ou até que tudo o que os arquitectos fazem é arquitectura, é certamente um equívoco fazer análises sobre a qualidade de não-lugar ou proclamar o fim da arquitectura com base de em estudos sobre espaços ou objectos que normalmente são mera edificação, tais como supermercados, hipermercados, centros comerciais, bombas de gasolina, portagens etc.... Aqueles que, como Hans Ibelings se concentram nas semelhanças e esquecem as diferenças só poderão encontrar as características não arquitectónicas da edificação, aquilo que denominam de não-lugares. A indiferença que, segundo este autor, estes espaços parecem provocar só reforça as suas características de inumanidade, e o seu falhanço como arquitectura. Apenas um erro pode justificar que se apresentem como exemplos da "arquitectura da globalização" algumas das obras contemporâneas mais conhecidas, mesmo contra a opinião escrita de alguns dos seus autores¹⁵.

O habitar do homem como totalidade precisa da construção de uma finalidade, já que o lugar tem uma dimensão lógica, nas também ética e estética. Para tal é necessário recorrer ao inumano como cultura para entender o não-lugar que existe em potência na construção do lugar (diferente do não-lugar de Augé) que é o mundo que se quer pôr na terra, ou outro que não foi a possibilidade vencedora, mas que é prévio e repetível, sendo assim uma idealidade que confere valores e vontade ao habitar. Esta idealidade não neutraliza o futuro, pelo contrário trata dele, porque é prévia e pensa no próximo presente. Quando uma sociedade se conforma perante a inevitabilidade, perdendo a capacidade de se pensar e de reformular, só um sonho de futuro pode conferir vontade, desejo e uma teoria do bem em geral que, como escreve C. Rowe¹⁶, permita saber o que é o mal específico. É

demonstrativo da nossa passividade que, nos tempos recentes, quase não se tenha feito investigação tipológica ou desenvolvimento de modelos, nem avançada qualquer perspectiva de cidade ideal para os problemas de hoje.

Na era do inumano globalizado a arquitectura, como arte que faz algo de único e irrepetível, tornou-se um reduto para poetas e outros sonhadores que, não se conformando perante o esquecimento e a indiferença, teimam em lembrar a liberdade, a cultura e a sensibilidade do humano.

Junho de 2002

NOTAS

¹ LYOTARD, Jean François – *O inumano* – Lisboa, 1997- pp 10

² KOOLHAS, Rem – *S,M,L,XL*-Roterdão, 1995 – pp 573

³ ZAERA POLO, Alejandro – *Order out of Chaos, the material organization of advanced capitalism* – in *architectural Design profile* nº 108 – Londres, 1994

⁴ SIZA VIEIRA, Alvaro - *Jornal "O Expresso"* de 30 de Out. 1999 – Siza Vieira exposto em Itália

⁵ SPEAKS, Michael - *Design Intelligence and the New Economy*, in *Architectural Record*, Nova York, nº 01/2002 – pp 72 a 76

⁶ KOOLHAS, Rem – *Jornal Público*, 13 Maio 2001- pp 38

⁷ AUGÉ, Marc – *Non Places, introduction to an anthropology of supermodernity* Londres, 1997 - pp 103

⁸ Como escreve J.F. Lyotard em *O inumano* (Lisboa, 1997 – pp76), ".....o princípio da razão postula que qualquer acontecimento deve ser explicado como o efeito de uma causa e que a razão consiste em determinar essa causa (ou essa razão), racionalizando o que é dado e neutralizando o futuro. As ciências humanas tornaram-se numa sucursal da física, estudando-se o espírito e a própria alma como se fossem interfaces em processos físicos". Neste sentido, será difícil para a antropologia aperceber-se do que é um lugar, para além da definição meramente antropológica e com metodologias que se concentram preferencialmente no que é razão (medida).

⁹ IBELINGS, Hans – *Supermodernismo, arquitectura en la era de la globalización* – Barcelona, 1998 - pp 134

¹⁰ MERLEAU-PONTY, Maurice – *O olho e o espírito* – Lisboa, 1997

¹¹ LYOTARD, Jean François – *O inumano* – Lisboa, 1997 - pp 10 a 15

¹² Segundo Edmund Husserl, Descartes falhou ao dividir o ego em corpo e espírito, o que veio a permitir um raciocínio segundo o princípio da causalidade e a desvalorização da experiência humana. Pelo contrário, o ego é uma pessoa humana, uma totalidade, que se situa devido ao seu corpo no complexo real da natureza, onde vive, e ao qual pertencem os seus pensamentos, as suas percepções, recordações e juízos. É neste

sentido que Merleau-Ponty recusou também a possibilidade de um corpo em relação ao qual fosse permitido defender que se trata apenas de uma máquina de informações, sendo antes algo que faz parte da totalidade e que permite pensar e agir sobre as coisas, habitando. E isto permite-lhe concluir que nós não temos corpo, nós somos corpo.

¹³ MONTAÑOLA THORNBERG, JOSEPH – *La arquitectura como lugar* – Barcelona, 1996 – pp 18

¹⁴ TAINHA, Manuel – *Projecto ou destino* in *Textos do arquitecto* – Lisboa, 2000 - pp 49 " Sendo a arquitectura aquilo que a nossa cultura nos diz que é – um factor de reprodução da humanidade do humano contra o inumano – como é que ela pode prevalecer nas condições geradas de um neoliberalismo voraz, sucata imponente da história que gravita em torno de todo o planeta, e para o qual, dizem-nos, não há alternativa à vista".

¹⁵ Ver os trabalhos e os textos por exemplo de Wiel Arets, Herzog & De Meuron ou Peter Zumthor.

¹⁶ cito de Juan Luis de las Rivas, *De Babel a utopia* in *Anales de Arquitectura* – Valladolid, nº 5 , 1994 - pp117